

Relógio de água

Bárbara Ribeiro

Eu sempre imaginei que, por volta dos 27 anos, minha vida estaria prestes a acabar. Não sei bem o porquê. Aos 10 anos, porém, eu esperava ainda que a vida começasse, com incêndio e impaciência.

O litoral se chamava Salinópolis, “Salinas” – de maneira íntima –, e um carro preto de pessoas mais ou menos conhecidas me levou à casa de praia em que eu passaria um único final de semana daquelas férias de julho.

Salinópolis não fica na Grécia, e sim ao norte litorâneo do Brasil, depois de uma estrada que separa minha vida entre os 10 e os 27 anos. Dentro do carro, eu ia imaginando, calada e atenta, todo tipo de aventura que me esperaria naquela nova geografia à beira-mar. Um tanto por pena e outro tanto por compaixão, as pessoas mais ou menos conhecidas, no interior do carro preto, me levavam com familiaridade distante e carinhosa indiferença ao que eu imaginava ser o verão definitivo e o começo de minha vida.

A casa de férias estava cheia de outras pessoas jovens, mais velhas que eu, quando lá chegamos. A euforia do cloro, o cheiro de loção de coco e de brasa sobre carvão. Ali fiquei, olhando ao redor, sem saber bem qual o meu papel. No topo dos meus 10 anos, com inveja digna de um oceano inteiro, de um inteiro verão de frustrações, eu vi os jovens da casa, vestidos de namoro, roupa de banho, sal e alegria, descerem de carro à praia, em algazarra, altas vozes. Eu fui ficando para trás, ficando para trás, com meu incêndio e minha ansiedade. O portão da casa se fechou. Não me levaram consigo para ver a praia, nem o *reggae*, nem o mar. Eu era muito pequena. Pela primeira vez, desejei envelhecer. Não 27 anos, quando então minha vida estaria acabada, mas, quem sabe, 17 – idade em que a praia e o *reggae* acontecem.

Ficamos para trás, na casa praticamente vazia, eu e os velhos demais; eu, jovem demais. Decidi vingar minha pouca idade virando peixe. Passei o dia inteiro na piscina, sozinha, mais ou menos esquecida pelas pessoas mais ou menos conhecidas e velhas. Caiu a

Relógio de água

noite. Eu me recusei a sair da água. De todo modo, ninguém me pediu que saísse. Minha mãe não estava ali. Amigos de uma tia me concediam a graça de um pequenino período de férias mais ou menos triste, um pouco menos só...

Eu pensava no mundo lá fora. Na piscina, clepsidra, navio abandonado, esquálida escuna. Boiei naquele mar possível, retângulo de cloro, até muito tarde, esperando os jovens voltarem da praia e me contarem suas histórias de amor... Anoitecia mais e mais e mais. Não voltaram. Já não me lembro a que horas fui dormir, ou como desvirei peixe. Todavia, guardo ainda a sensação de olhar para o céu, com raiva, por horas, a boiar sem destino, num buraco azul-aquático, azul-marinho, com raiva, sim, com muita raiva, porque meu corpo parecia não ter pressa de crescer, estrelas flutuando no naval, e eu pensando, à superfície: um dia terei 17... depois 18... depois 19... só que aí, então, já não haverá mais praia, nem *reggae*, nem carros, nem estradas, nem este lugar...

Meus 10 anos terminaram. Fechei os olhos naquela noite e acordei aqui.

De repente, estou diante dos 27. Espelho translúcido, nenhuma piscina, ampulheta parada. Diferentemente da menina de 10, que só olhava à frente, olho para trás e me espanto com sua (a minha) ansiedade de verão. Sei que nada desaparecerá amanhã. E, mesmo depois de nós, ainda existirá um mundo cheio de praias, estrelas, piscinas, estradas e pontes.

No entanto, a menina de 10, virando peixe, desapareceu. Esta, sim, onde está? Tudo o que ela temia perder permaneceu; ela mesma, porém, é que se foi. Eu, agora, queria nadar de volta a Salinas, de volta àquela noite de grande frustração estrelada, brotar, do fundo da água, sob o véu escuro, como uma sereia encantada, oracular, e dizer: tenha calma... o futuro é mais que um final de semana, é maior que um lento, agridoce verão...

Será que ela se assustaria ao se ver com 27 anos, a menina de 10? Talvez me pedisse apenas que a levasse ao *reggae*, naquele instante. Eu faria de tudo para tê-la um pouco mais. Eu brincaria de peixe. Eu evitaria sair de sua presença, ainda que ela se sentisse tão amargurada. Eu lhe explicaria, com todo o carinho do mundo, que dezessete anos depois, em sua vida, não existe mais *reggae*. Nunca mais voltou a Salinas. A vida seguiu, algo de tudo se foi. Por outro lado, ainda existem verões. Ainda existe um mundo cheio de praias, estrelas, piscinas, estradas e sonhos, dourados e quentes, a aguardarem por ela... Mas ela – onde está?

RIBEIRO, B.

SOBRE A AUTORA

Bárbara Ribeiro graduou-se em Letras-Português, pela Universidade Federal do Ceará (UFC), em 2016. Concluiu Mestrado em Letras, na área de Literatura Comparada, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC, em 2018. Atualmente, encontra-se no curso de Doutorado do mesmo Programa, tendo concluído período de Doutorado-sanduíche na Universidade de Oxford (2021-2022), com bolsa CAPES (PDSE).